



Imaginário coletivo sobre a velhice: estudo com profissionais de uma instituição de longa permanência para idosos

Lara Gonçalves de Sousa, Eduarda Moura Silva e Rodrigo Sanches Peres*

Universidade Federal de Uberlândia, Av. Pará, 1720, 38405-240, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. *Autor para correspondência. E-mail: rodrigossanchesperes@ufu.br

RESUMO. O imaginário coletivo, tal como psicanaliticamente concebido, constitui o cerne do posicionamento de um grupo social ou de uma parcela de seus integrantes frente a um determinado fenômeno. O presente estudo teve como objetivo compreender o imaginário coletivo acerca da velhice por parte de profissionais de uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI). O número de participantes foi definido pelo critério de saturação. A coleta de dados foi empreendida presencialmente a partir de entrevistas individuais norteadas pelo Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema. O *corpus* foi submetido à interpretação psicanalítica visando à captação de campos de sentido. O primeiro campo de sentido se organizou em torno da crença, compartilhada por diversas participantes, de que o envelhecimento implicaria em alterações significativas no humor, mas, apesar disso, idosos tenderiam a uma postura afetuosa. O segundo campo de sentido foi captado devido à constatação de que, para muitas participantes, idosos institucionalizados se caracterizariam pela tristeza, especificamente por não se conformarem com a condição na qual se encontram. Já a demarcação do terceiro campo de sentido se deve ao fato de que diversas participantes aparentaram acreditar que seria imprescindível adotar uma atitude especialmente compreensiva frente aos idosos, porque eles supostamente não teriam mais pleno domínio das faculdades mentais e estariam vivenciando a iminência da morte. Portanto, os resultados obtidos revelam que, no imaginário coletivo das participantes, se mesclam premissas ideofetivas em função das quais são realçados tanto aspectos positivos quanto aspectos negativos da velhice. Parece razoável propor que a qualidade do cuidado gerontogeriátrico ofertado por profissionais de ILPIs demanda o estabelecimento de um equilíbrio dinâmico entre esses aspectos, e isso, por sua vez, exige uma reflexão constante, inclusive acerca do próprio processo de envelhecimento.

Palavras-chave: idoso; relações profissional-paciente; instituição de longa permanência para idosos; pesquisa qualitativa.

Collective imaginary about old age: study with professionals from a long-term care institution for the elderly

ABSTRACT. The collective imaginary, as psychoanalytically conceived, constitutes the core of the positioning of a social group or a portion of its members in relation to a given phenomenon. The present study aimed to understand the collective imaginary about old age on the part of professionals from a Long-Term Care Institution for the Elderly (ILPI, in Portuguese acronym). The number of participants was defined by the saturation criterion. Data collection was carried out in person through individual interviews guided by the Drawing-Story with Theme Procedure. The *corpus* was subjected to psychoanalytic interpretation aiming to capture fields of meaning. The first field of meaning is organized around the belief, shared by several participants, that aging would imply significant changes in mood, but, despite this, elderly people would tend to have a tender attitude. The second field of meaning was captured due to the observation that, for many participants, institutionalized elderly people would be characterized by sadness, specifically because they do not accept the condition in which they find themselves. The demarcation of the third field of meaning is due to the fact that several participants appeared to believe that it would be essential to adopt a particularly understanding attitude towards the elderly, because they supposedly no longer had full control of their mental faculties and were experiencing the imminence of death. Therefore, the results obtained reveal that, in the collective imaginary of the participants, ideo-affective premises are mixed due to which both positive and negative aspects of old age are highlighted. It seems reasonable to propose that the quality of geriatric and gerontological care offered by ILPI professionals demands the establishment of a dynamic balance between these aspects, and this, in turn, requires constant reflection, including regarding the own aging process.

Keywords: aged; professional-patient relations; long-term care institution for the elderly; qualitative research.

Introdução

O psiquiatra e psicanalista argentino José Bleger se notabilizou mundialmente por resgatar e ampliar formulações freudianas pertinentes ao questionamento da relação indivíduo-sociedade (Maestro, 2021). Nessa empreitada, o autor problematizou a terminologia psicológica hegemônica na segunda metade do século XX ao postular que a noção de 'conduta' deveria ser empregada para designar qualquer manifestação humana, independentemente de sua característica de apresentação, e não apenas para se referir ao comportamento observável (Bleger, 1977). E isso se justificaria porque, conforme a teorização blegeriana, haveria um denominador comum a toda manifestação humana: sua susceptibilidade a um movimento dialético que se estabelece entre determinantes conscientes e inconscientes e é balizado pelo ambiente social.

Partindo desse princípio, a psicóloga e psicanalista brasileira Tânia Maria José Aiello-Vaisberg propôs que o conceito de imaginário coletivo poderia ser psicanaliticamente definido como uma conduta que se manifesta mentalmente ou concretamente e possui, ao mesmo tempo, origens individuais e sociais (Batoni et al., 2021). Assim, o conceito em questão abrange uma ampla gama de manifestações humanas que, predominantemente de maneira inconsciente, entrelaçam funções cognitivas, afetivas e volitivas, e são produzidas intersubjetivamente (Ferreira-Teixeira et al., 2019; Peres, 2021). É possível, então, enquadrar o imaginário coletivo como o cerne do posicionamento de um grupo social ou de parte de seus integrantes frente a um determinado fenômeno (Lima et al., 2021).

A revisão da literatura empreendida por Rosa et al. (2019) evidencia que, desde os anos 2000, o conceito de imaginário coletivo, em sua acepção psicanalítica, vem sendo empregado em pesquisas qualitativas consagradas a uma ampla gama de assuntos. Além disso, tem proporcionado subsídios para a compreensão de relevantes nuances de crenças, emoções e práticas apresentadas por variadas populações no tocante a diversos fenômenos. Duas dessas pesquisas tematizam a velhice. Manna et al. (2018), em uma delas, investigaram o imaginário coletivo de idosos comunitários a esse respeito. Os resultados obtidos revelaram visões contraditórias quanto à 'terceira idade', considerada como um período da vida marcado inevitavelmente por fragilidades por alguns participantes, ao passo que outros enfatizaram que o envelhecimento saudável seria uma responsabilidade pessoal.

Já Simões et al. (2014) exploraram o imaginário coletivo a propósito da velhice segundo profissionais de saúde vinculados a um serviço ambulatorial de saúde mental. Mais precisamente, os participantes foram médicos psiquiatras, terapeutas ocupacionais, psicólogos, farmacêuticos, educadores físicos, enfermeiros, assistentes sociais e nutricionistas. Foi constada a preponderância de uma perspectiva pessimista acerca do envelhecimento, de acordo com a qual tratar-se-ia de um processo que implica em sofrimento, perdas e isolamento. Ademais, as autoras realçaram que tal perspectiva é capaz de influenciar significativamente o trabalho executado pelos profissionais em questão, visto que o mesmo, por seu caráter relacional, não se reduz à mera aplicação de conhecimentos técnicos.

Assumindo a assertiva em pauta, torna-se patente a relevância do desenvolvimento de novas pesquisas sobre o imaginário coletivo a respeito da velhice junto a profissionais que se dedicam ao cuidado gerontogeriatrico em outros contextos, nomeadamente em Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs). Ocorre que os estabelecimentos dessa natureza têm sido cada vez mais demandados face à transição demográfica em curso no Brasil (Sousa Filho et al., 2021). Cumpre assinalar que as ILPIs oferecerem moradia coletiva para pessoas com idade acima de 60 anos que se encontram em situação de vulnerabilidade social ou possuem comprometimento funcional, bem como, quer sejam públicas, privadas ou filantrópicas, são responsáveis pela atenção integral à saúde dos moradores, conforme a legislação vigente (Resolução da Diretoria Colegiada nº 502, 2021).

Por esse motivo, o quadro de pessoal das ILPIs deve ser composto por profissionais de diferentes áreas, cujo nível de escolaridade varia dependendo da formação requerida para o cargo a ser exercido. Com finalidades variadas, algumas pesquisas qualitativas nacionais vêm contemplando esse grupo social, a exemplo daquelas assinadas por Silva Filha et al. (2023), Furtado et al. (2021), Damasceno et al. (2019) e Almeida et al. (2017). Contudo, nenhuma se organiza em torno do conceito de imaginário coletivo tal como psicanaliticamente concebido, sendo que suas particularidades demarcam a existência de uma lacuna na literatura científica brasileira. O presente estudo, dessa forma, teve como objetivo compreender o imaginário coletivo acerca da velhice por parte de profissionais de uma ILPI.

Método

Participantes

Participaram do presente estudo 28 profissionais de uma ILPI situada no interior de Minas Gerais, sendo todas do sexo feminino. Os critérios de inclusão foram os seguintes: (1) ter idade superior a 18 anos de idade e (2) ter experiência de, no mínimo, três meses no estabelecimento em questão. Majoritariamente, as participantes trabalhavam como cuidadoras de idosos, como se vê na Tabela 1. A definição do número de participantes foi baseada no critério de saturação, conforme será detalhado mais adiante. Vale destacar ainda que a ILPI da qual as participantes procederam foi privilegiada pela facilidade de acesso das pesquisadoras.

Tabela 1. Distribuição das participantes por cargo e escolaridade.

Participante	Cargo	Escolaridade
1	Enfermeira	Superior
2	Técnica em Enfermagem	Técnico
3	Técnica em Enfermagem	Técnico
4	Técnica em Enfermagem	Técnico
5	Cuidadora de idosos	Técnico
6	Cuidadora de idosos	Médio
7	Cuidadora de idosos	Médio
8	Cuidadora de idosos	Médio
9	Cuidadora de idosos	Médio
10	Cuidadora de idosos	Médio
11	Cuidadora de idosos	Médio
12	Cuidadora de idosos	Médio
13	Cuidadora de idosos	Médio
14	Cuidadora de idosos	Médio
15	Cuidadora de idosos	Médio
16	Cuidadora de idosos	Fundamental
17	Cuidadora de idosos	Fundamental
18	Cuidadora de idosos	Fundamental
19	Cozinheira	Fundamental
20	Cozinheira	Fundamental
21	Cozinheira	Fundamental
22	Auxiliar de limpeza	Fundamental
23	Auxiliar de limpeza	Fundamental
24	Auxiliar de limpeza	Fundamental
25	Auxiliar de limpeza	Fundamental
26	Auxiliar de limpeza	Fundamental
27	Auxiliar de limpeza	Fundamental
28	Auxiliar de lavanderia	Fundamental

Cenário

A ILPI que constituiu o cenário do presente estudo possui caráter filantrópico, foi fundada há mais de 50 anos e se localiza em uma cidade interiorana mineira que, conforme os parâmetros populacionais sugeridos por Calvo et al. (2016), pode ser classificada como de médio porte. À época da coleta de dados, o estabelecimento em questão contava com 48 moradores, sendo que os dormitórios e os banheiros – individuais ou duplos – se encontravam dispostos em duas alas separadas por sexo, mas havia também uma ala específica para idosas acamadas, bem como espaços de convivência. Já o quadro de pessoal era composto por 52 profissionais.

Instrumento

A coleta de dados foi empreendida presencialmente a partir de entrevistas individuais norteadas pelo Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema (PDE-T), a exemplo da estratégia adotada nas pesquisas de Ferreira-Teixeira et al. (2019) e Lima et al. (2021), dentre outras voltadas à exploração do imaginário coletivo tal como psicanaliticamente concebido. O PDE-T é um recurso mediador dialógico, de caráter lúdico, que se presta a diferentes finalidades investigativas, na medida em que, mantendo a proposta de uma tarefa gráfico-verbal, se adapta de acordo com o objetivo visado (Visintin et al., 2023). No presente estudo, as participantes foram solicitadas, em um primeiro momento, a produzir um desenho sobre 'uma

pessoa idosa', a elaborar verbalmente uma estória sobre o desenho e, então, a criar um título para a estória. Em um segundo momento, foi realizado um debate livre em torno do desenho e da estória, para estimular novas associações a respeito. Ressalte-se que as participantes receberam uma folha de papel sulfite, um lápis preto e uma prancheta, para que pudessem desenhar.

Coleta de dados

Após a autorização da ILPI em questão quanto ao desenvolvimento do presente estudo, foi solicitada e obtida uma lista com o nome dos integrantes da equipe institucional. Os mesmos foram, então, abordados pessoalmente no próprio ambiente de trabalho, em diferentes horários, para a verificação do preenchimento do critério de inclusão 1 e, se pertinente, para a efetuação do convite quanto à participação. Esse trabalho anterior à coleta de dados propriamente dita também permitiu às pesquisadoras habituarem-se com a rotina e com a infraestrutura do cenário do presente estudo e, conseqüentemente, pode ser enquadrado como um processo de ambientação. Em contrapartida, não foi considerado necessário um processo de aculturação, pois as pesquisadoras, devido a experiências prévias, já estavam familiarizadas com o grupo social pesquisado.

A coleta de dados foi realizada em data e horário de comum acordo, em um espaço reservado na própria ILPI. Afinal, conforme Turato (2013), o ambiente ideal para tanto – em se tratando de pesquisas qualitativas – é aquele em que os participantes se encontram naturalmente inseridos. Vale destacar que as pesquisadoras não conheciam previamente nenhuma das participantes e foram bem recebidas por elas, sendo que se apresentaram como psicólogas. Ademais, as pesquisadoras priorizaram uma atitude acolhedora e amigável frente às participantes e lhes informaram que a tarefa proposta por meio do PDE-T não exigia habilidade artística ou criatividade. Não foram observadas resistências durante a coleta de dados.

Entretanto, as pesquisadoras chegaram a contatar, no total, 30 das 52 profissionais da ILPI. Houve duas recusas – ambas de técnicas em Enfermagem – e nenhuma desistência após o aceite inicial quanto à participação. As pesquisadoras não contataram toda a equipe institucional porque não empregaram o critério de exatidão, mas, sim, o critério de saturação, conforme mencionado. Logo, a captação de participantes foi interrompida quando a análise inicial dos dados subsidiou a identificação de temas que, além de indicativos de certa redundância, eram suficientes para responder ao objetivo visado, como preconizam Saunders et al. (2018). É importante esclarecer que as entrevistas foram gravadas em áudio, executadas ao longo de um período de três semanas entre os meses de Agosto e Setembro de 2022 e se estenderam, em média, por 12 minutos, sem contabilizar os minutos iniciais, durante os quais buscou-se consolidar o *rapport* previamente estabelecido quando do convite para a participação. Em um caso, porém, a duração da entrevista foi de 40 minutos. Cumpre assinalar que não foi considerado necessário repetir a coleta de dados com nenhuma participante.

Análise de dados

As transcrições literais e integrais das entrevistas individuais compuseram o *corpus* do presente estudo, juntamente com os desenhos produzidos pelas participantes a partir do emprego do PDE-T. Acompanhando a estratégia que, conforme Rosa et al. (2019), se sobressai como a mais recorrente em pesquisas sobre o imaginário coletivo em sua acepção psicanalítica, o *corpus* foi submetido à interpretação psicanalítica. Para tanto, primeiramente as pesquisadoras, de maneira independente, examinaram o *corpus* com base em uma postura receptiva, análoga àquela fomentada pela atenção flutuante – adotada pelos psicanalistas durante as sessões de análise – e buscaram identificar suas premissas ideofetivas não conscientes.

Na sequência, as pesquisadoras, em conjunto, buscaram organizar as referidas premissas mediante a delimitação de campos de sentido. Ressalte-se que, conforme psicanaliticamente concebido, o imaginário coletivo se desmembra em lugares existenciais de raiz intersubjetiva que moldam as mais variadas manifestações humanas no cotidiano (Manna et al., 2018). Os campos de sentido designam justamente esses lugares existenciais, sendo que, segundo Aiello-Vaisberg (1999), é possível apreendê-los em pesquisas que apresentam aos participantes situações que favorecem a expressão espontânea. E utilizar o PDE-T na coleta de dados é uma das maneiras de fazê-lo (Visintin et al., 2023), o que atesta a coesão metodológica do presente estudo.

Cuidados éticos

Antes da coleta de dados, os profissionais abordados pelas pesquisadoras receberam as informações necessárias sobre os aspectos éticos e metodológicos do presente estudo, inclusive quanto à liberdade que possuíam para se recusarem a participar ou para desistirem de continuar participando mesmo após a

realização da coleta de dados. A formalização da anuência ocorreu por meio da assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. As diretrizes éticas definidas pela legislação vigente no Brasil para pesquisas com seres humanos foram igualmente observadas, de modo que as pesquisadoras se comprometeram com a preservação da identidade das participantes e da ILPI da qual elas eram procedentes. Ademais, o presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição de filiação das pesquisadoras (CAAE 58866022.1.0000.5152 / Parecer 5.548.158).

Resultados

A interpretação psicanalítica do *corpus* levou à configuração de três campos de sentidos, os quais foram assim intitulados: (1) 'Ranzinzas, porém afetuosos'; (2) 'Tristes e inconformados' e (3) 'Da compreensão ao aprendizado'. O primeiro deles se organizou em torno da crença, compartilhada por diversas participantes, de que o envelhecimento implicaria em alterações significativas no humor, como se nota no excerto 1: "Querendo ou não, a pessoa fica mal-humorada na terceira idade. Não adianta" (Participante 2). O excerto 2 reforça essa visão: "Às vezes, eles [idosos] são mais sistemáticos, mais nervosos" (Participante 10). Consequentemente, haveria uma tendência quanto à emergência de dificuldades relacionais, levando-se em conta que o título das estórias produzidas pela participante 1 e pela participante 3 contém a palavra 'solidão'. Ou seja: por, supostamente, serem ranzinzas, muitos idosos, institucionalizados ou comunitários, apresentariam grandes resistências no tocante à socialização.

A despeito disso, neste público seria comum, para algumas participantes, a ocorrência de uma postura afetuosa, na linha do que indica o excerto 3: "[O idoso] dá carinho pra gente. Daí a gente pega [sic] amor" (Participante 24). A Figura 1 também ilustra o mesmo posicionamento, já que tem como o personagem uma idosa institucionalizada de quem a participante 8 teria se tornado 'amiga', em suas próprias palavras. Logo, as relações interpessoais estabelecidas no âmbito das ILPIs poderiam ser pautadas pela reciprocidade, conforme o excerto 4 explícita: "É bom receber o carinho deles [idosos]. Eles retribui [sic] muito tudo que você faz" (Participante 7). Diante do exposto, é possível concluir que o imaginário coletivo das participantes sobre os idosos é atravessado por ambivalências no tocante às percepções acerca das possibilidades de sociabilidade.



Figura 1. Desenho relativo à estória 'Amizade', elaborada pela participante 8.

O segundo campo de sentido foi captado devido à constatação de que, para muitas participantes, idosos institucionalizados se caracterizariam pela tristeza, especificamente por não se conformarem com a condição na qual se encontram, como indica o excerto 5: "A tristeza deles [idosos] [...] por querer [sic] ir embora [da ILPI], querer sair e não poder, né?" (Participante 4). O mesmo se nota no excerto 6, ainda que mediante a alusão a uma pessoa em particular: "Ela é uma idosa que é triste, porque ela não tem aceitação de viver numa Instituição de Longa Permanência para Idosos" (Participante 1). Tal característica seria atenuada apenas nos idosos cujo ingresso em uma ILPI se deve à inexistência de laços familiares, conforme

o excerto 7: “Aqueles que não têm família já são conformados [com a institucionalização], né? Mas aqueles que a família coloca [na ILPI], eles sabem que tem um filho, tem uma mãe, tem uma esposa que tá [sic] em casa, e eles aqui [...] É triste, é triste” (Participante 5).

Seguindo esse raciocínio, a tristeza supostamente típica de idosos institucionalizados, para algumas participantes, seria causada, na verdade, pela negligência emocional que, em tese, oportunizaria a institucionalização, acompanhando o excerto 8: “Nós estamos [na ILPI] num lugar de abandono, de esquecimento, de famílias ingratas que não dão valor aos seus pais” (Participante 18). Essa perspectiva é ilustrada igualmente pelo excerto 9: “Elas próprias [pessoas idosas institucionalizadas] olha [sic] pra realidade, tipo: ‘tô [sic] presa aqui, tô [sic] abandonada, tô [sic] perdida, não vem ninguém da família visitar’. Um dia triste aqui [na ILPI] é Natal, entendeu?” (Participante 3).

É interessante apontar que, em consonância com o entendimento de uma parcela das participantes, tal como sintetizado no excerto 10, determinados idosos ainda manteriam a esperança quanto à reaproximação com seus entes e, conseqüentemente, quanto ao regresso ao lar de origem: “Tem uns [idosos institucionalizados] que espera [sic] todo dia, espera alguém vir visitar [...] Todo dia quer ir embora pra casa” (Participante 6). Por esse motivo, a piedade parece ocupar um lugar central no imaginário coletivo das participantes sobre os idosos, a exemplo do que se nota no excerto 11: “Dá dó [das pessoas idosas institucionalizadas], né? A família não vem visitar” (Participante 26). Mas tal sentimento tende a ensejar uma percepção de impotência devido à impossibilidade de desempenhar a função afetiva que caberia à família, conforme se depreende do excerto 12: “A gente não é família deles, né? A gente acaba se tornando, mas a gente não é. Aí a gente não supre essa ausência da família, né? (Participante 5). E o mesmo se aplica ao excerto 13: “A gente tenta de tudo, mas a gente não é a família deles, né?” (Participante 4).

Já a demarcação do terceiro campo de sentido se deve ao fato de que diversas participantes aparentaram acreditar que, além de demonstrar piedade, seria imprescindível adotar uma atitude especialmente compreensiva frente aos idosos, por dois motivos básicos. Em primeiro lugar, porque, para algumas delas, o passar dos anos prejudicaria o pleno domínio das faculdades mentais. O excerto 14 atesta isso: “Eu acho que não vale a pena contrariar [os idosos]. Vai contrariar pra quê? A cabecinha deles já não tá [sic] muito boa” (Participante 2). O excerto 15 também: “A gente tem que ter a paciência e entender, e pensar que eles [idosos] não têm esse... A gente é mais consciente [do que eles]” (Participante 22). Nesse aspecto, a última etapa do ciclo vital poderia ser comparada com a primeira, tal como sugere o excerto 16: “Eu falo que idoso é igual criança” (Participante 20).

Em segundo lugar, outras participantes sinalizaram compreender que as pessoas que atingiram a ‘terceira idade’, sobretudo aquelas institucionalizadas, vivenciariam a iminência da morte, como se observa no excerto 17: “Eles [idosos] são pessoas que já estão no fim da vida, já passaram por muita coisa e eles [...] precisam de carinho” (Participante 1). Independentemente de sua motivação, porém, a referida atitude compreensiva promoveria uma sensação de desenvolvimento pessoal que se mesclaria, no imaginário coletivo da maioria das participantes, com um sentimento de gratificação, em consonância com o excerto 18: “Eles [idosos] contam a história de vida deles. A gente aprende bastante [...] Pra mim é muito gratificante” (Participante 5). A Figura 2 contempla a mesma questão, na medida em que tem como personagem um idoso já falecido cujo passado auxiliaria a participante 10 a vislumbrar seu próprio futuro como ‘uma pessoa melhor’.



Figura 2. Desenho relativo à estória ‘Eterna saudade’, elaborada pela participante 4.

Discussão

Como mencionado, o primeiro campo de sentido captado coloca em relevo que, conforme o imaginário coletivo de algumas participantes, idosos geralmente apresentam uma postura afetuosa. Resultados compatíveis a esse foram obtidos por Damaceno et al. (2019) junto a profissionais e gestores de uma ILPI. Ocorre que as concepções de cuidado gerontogerátrico e suporte emocional se mostraram intimamente ligadas entre esses participantes. As autoras defendem que tal ligação pode culminar em uma assistência excessivamente informal, pois seria derivada da predominância de um discurso de caridade e benevolência atrelado ao caráter filantrópico do estabelecimento que empregaram como cenário. Logo, o mesmo, em tese, se aplicaria ao presente estudo, pois o estabelecimento em que foi realizada a coleta de dados também possui caráter filantrópico.

Bruinsma et al. (2017) advertem que, em ILPIs, conflitos entre os moradores e a equipe institucional são comuns devido à dinâmica de funcionamento dos estabelecimentos dessa natureza. Parece razoável, então, qualificar como positivo o fato de algumas participantes do presente estudo terem mencionado que as relações que mantém no ambiente laboral com idosos podem ser recíprocas, pois, ainda acompanhando o primeiro campo de sentido, foi realçada a possibilidade de ambas as partes darem e receberem afeto. Afinal, a qualidade de vida na velhice está diretamente ligada ao bem-estar proporcionado por vínculos humanos positivos (Roquete et al., 2017). Além disso, muitos profissionais de ILPIs salientam que suas atividades se tornam mais fáceis – bem como mais gratificantes – quando se estabelece uma proximidade emocional com aqueles para quem elas são direcionadas (Castro et al., 2013; Almeida et al., 2017).

O segundo campo de sentido revelou que, conforme o imaginário coletivo de diversas participantes do presente estudo, moradores de ILPIs dificilmente se conformam com a institucionalização e, por esse motivo, apresentariam uma tristeza típica. Tal achado encontra respaldo parcial na revisão da literatura empreendida por Nóbrega et al. (2015), cujos resultados evidenciam que sintomas depressivos são mais prevalentes no referido público do que em idosos comunitários. As autoras constataram ainda que a rotina de muitas ILPIs tende a impactar negativamente a saúde mental por não se mostrar sensível a demandas da 'terceira idade', inclusive no tocante à liberdade de escolha acerca de diferentes aspectos do cotidiano, mas salientaram que não se deve desconsiderar que, nesta etapa do ciclo vital, a depressão igualmente se associa com a capacidade funcional, o estado cognitivo e a autopercepção de saúde, dentre outros fatores.

Simões et al. (2014), por sua vez, verificaram que, no imaginário coletivo de profissionais de saúde vinculados a um serviço ambulatorial de saúde mental, prevalece a crença de que a velhice, independentemente da institucionalização, implica em tristeza. E defenderam que tal crença é alimentada pela cultura ocidental, em função da qual a juventude seria supervalorizada e a 'terceira idade', em contraste, seria encarada como sinônimo de dificuldades nas mais variadas esferas da vida. Em parte dos idosos comunitários que participaram da pesquisa de Manna et al. (2018) também foi identificado um imaginário coletivo negativo sobre a velhice, pois se sobressaiu a visão de que eles seriam desassistidos pela família, pelo poder público e pela sociedade em geral, mas essa situação não foi associada à tristeza.

O imaginário coletivo de algumas participantes do presente estudo se diferenciou porque as mesmas aparentemente creem que a velhice implicaria em um declínio dos laços familiares e que essa seria a principal causa tanto da institucionalização quanto da tristeza supostamente intrínseca a esse movimento. Uma parcela dos idosos que participaram da pesquisa qualitativa de Creutzberg et al. (2007) referiu um posicionamento semelhante. As autoras defenderam que essa cadeia de eventos se torna compreensível levando-se em conta que amar e ser amado são necessidades humanas e que as pessoas em geral esperam que a família venha a contemplá-las. Justamente em função disso, ainda acompanhando a pesquisa em questão, com frequência há a expectativa – entre diferentes grupos sociais – de que as ILPIs representem uma espécie de 'nova família' para seus moradores e, conseqüentemente, ofereçam possibilidades relacionais capazes de gerar, pelo menos, uma sensação de pertencimento.

Se isso ocorrer, o ingresso em uma ILPI pode ser benéfico em termos das relações interpessoais dos idosos. Para tanto, porém, é fundamental que os profissionais que trabalham em estabelecimentos dessa natureza invistam em uma assistência individualizada, em consonância com Ribeiro et al. (2021). Essa seria um pré-requisito para que, independentemente de ter se dado por opção ou por imposição, a institucionalização suscite segurança e satisfação. Contudo, em muitas ILPIs observa-se que esse pré-requisito não é preenchido, pois as atividades e os horários são definidos com rigor pela equipe institucional, negligenciando as preferências dos idosos (Furtado et al., 2021; Siewert et al., 2021). E não se pode perder de vista que, como bem alertaram Creutzberg et al. (2007), nenhuma ILPI deve ter a pretensão de funcionar como uma 'família substituta' e sim

como uma 'família ampliada'. Algumas participantes do presente estudo parecem compartilhar desse entendimento, mas se sentem impotentes diante de tal realidade.

O terceiro e último campo de sentido demonstrou que o imaginário coletivo da maioria das participantes do presente estudo enseja a circunscrição de um lugar existencial a partir do qual um sentimento de gratificação é vivenciado pelos mesmos devido ao contato que mantém com idosos na ILPI em que trabalham. Damaceno et al. (2019) obtiveram resultados compatíveis junto a profissionais de um estabelecimento dessa natureza, os quais, contudo, apontaram que a assistência que prestavam era um tanto quanto fragmentada. Na pesquisa conduzida por Salcher et al. (2015) junto ao mesmo grupo social foi reportada uma ressalva similar, além de que foi enfatizado que a melhoria da remuneração seria importante para aumentar a satisfação profissional.

A captação do terceiro campo de sentido ainda sugere que as participantes do presente estudo, de modo geral, valorizam uma atitude especialmente compreensiva frente aos idosos, sobretudo porque associam a velhice à iminência da morte. O passar dos anos conduz a uma série de perdas – em termos orgânicos, profissionais e sociais, por exemplo – que, comumente, são vivenciadas como mortes simbólicas, e isso, conforme Cocentino e Viana (2011), justificaria a associação em pauta. Adicionalmente, na 'terceira idade' o risco de óbito é maior do que em outras faixas etárias (Francisco et al., 2021). Entretanto, as participantes do presente talvez sejam particularmente afetadas por tabus quanto ao fim da vida vigentes no mundo ocidental, posto que aparentemente possuem uma propensão a não encará-lo com naturalidade, mas, sim, mediante comportamentos diferenciados, na linha do que observaram Simões et al. (2014).

Considerações finais

Os resultados obtidos revelam que, no imaginário coletivo das participantes, se mesclam premissas ideofetivas não conscientes em função das quais são realçados tanto aspectos positivos quanto aspectos negativos da velhice. Parece razoável propor que a qualidade do cuidado gerontogeriatrico ofertado por profissionais de ILPIs demanda o estabelecimento de um equilíbrio dinâmico entre esses aspectos, e isso, por sua vez, exige uma reflexão constante, inclusive acerca do próprio processo de envelhecimento. O presente estudo possui limitações, sobretudo por ter sido realizado com profissionais de um único estabelecimento dessa natureza. Por meio de novas pesquisas será possível verificar se, em outros contextos, prevalecem crenças e emoções semelhantes. Nomeadamente, recomenda-se uma exploração mais aprofundada sobre as relações entre tabus concernentes à morte e preconceitos frente a idosos.

Não obstante, os resultados do presente estudo sinalizam que as atividades de educação permanente que necessariamente devem ser desenvolvidas junto a profissionais de ILPIs conforme a legislação vigente poderão surtir melhores resultados no tocante à superação de estigmas associados à velhice se agregarem à transmissão de conhecimentos técnicos a abordagem de elementos vivenciais. Ou seja: sugere-se que as experiências pessoais daqueles que compõem o referido grupo social – acerca de perdas e ganhos decorrentes do passar dos anos, por exemplo – sejam articuladas, por meio de um processo reflexivo, às suas experiências laborais, a fim de favorecer manifestações humanas mais saudáveis. Por fim, aconselha-se a mobilização da sociedade em um sentido mais amplo em prol do convívio intergeracional, o que pode ser viabilizado por ações recreativas, artísticas ou culturais, para que a 'terceira idade' venha a ser encarada de modo mais benevolente.

Referências

- Aiello-Vaisberg, T. M. J. (1999). *Encontro com a loucura: transicionalidade e ensino de Psicopatologia* (Tese de Livre-Docência, Universidade de São Paulo).
- Almeida, C. A. P. L., Santos, L. B., Conceição, L. M., Silva, N. M., Carvalho, H. E. F., Rocha, F. C. V., Lago, E. C., & Lino, M. M. (2017). A visão de cuidadores no cuidado de idosos dependentes institucionalizados. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, 22(1), 145-161. <https://doi.org/10.22456/2316-2171.59844>
- Batoni, B. R., Schulte, A. A., Belluzzo, S. R., G., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2021). A dupla jornada no imaginário de universitárias conforme a Psicologia Psicanalítica Concreta. *Psicologia Revista*, 30(2), 261-282. <https://doi.org/10.23925/2594-3871.2021v30i2p261-282>
- Bleger, J. (1977). *Psicología de la conducta*. Paidós.

- Bruinsma, J. L., Beuter, M. L., Tambara, M., Hildebrandt, L. M., Venturini, L., & Nishijima, R. B. (2017). Conflitos entre idosas institucionalizadas: dificuldades vivenciadas pelos profissionais de enfermagem. *Escola Anna Nery – Revista de Enfermagem*, 21(1), e20170020. <https://doi.org/10.5935/1414-8145.20170020>
- Calvo, M. C. M., Lacerda, J. T., Colussi, C. F., Schneider, I. J. C., & Rocha, T. A. H. (2016). Estratificação de municípios brasileiros para avaliação de desempenho em saúde. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 25(4), 767-776. <https://doi.org/10.5123/S1679-49742016000400010>
- Castro, V. C. C., Derhun, F. M., & Carreira, L. (2013). Satisfação dos idosos e profissionais de enfermagem com o cuidado prestado em uma instituição asilar. *Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental*, 5(4), 493-502. <https://doi.org/10.9789/2175-5361.2013v5n4p493>
- Cocentino, J. M. B., & Viana, T. C. (2011). A velhice e a morte: reflexões sobre o processo de luto. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 14(3), 591-599. <https://doi.org/10.1590/S1809-98232011000300018>
- Creutzberg, M., Gonçalves, L. H. T., Sobottka, E. A., & Santos, B. R. L. (2007). A comunicação entre a família e a Instituição de Longa Permanência para Idosos. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 10(2), 147-160. <https://doi.org/10.1590/1809-9823.2007.10022>
- Damaceno, D. G., Lazarini, C. A., Chirelli, M. Q., & Quaglio, M. (2019). Cuidando de idosos institucionalizados: representações de gestores e profissionais. *Escola Anna Nery – Revista de Enfermagem*, 23(3), e20190036. <https://doi.org/10.1590/2177-9465>
- Ferreira-Teixeira, M. C., Visintin, C. D. N., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2019). Imaginário de profissionais de saúde sobre mães de bebês disponíveis para serem adotados. *Psicologia em Revista*, 25(3), 1194-1212. <https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2019v25n3p1194-1212>
- Francisco, P. M. S. B., Assumpção, D., Borim, F. S. A., Yassuda, M. S., & Liberasso, A. N. (2021). Risco de mortalidade por todas as causas e sua relação com estado de saúde em uma coorte de idosos residentes na comunidade: estudo FIBRA. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26(12), 6153-6164. <https://doi.org/10.1590/1413-812320212612.32922020>
- Furtado, I. Q. C. G., Velloso, I. S. C., & Galdino, C. S. (2021). Constituição do discurso da autonomia de idosas no cotidiano de uma Instituição de Longa Permanência para Idosos. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 24(3), 56-64. <https://doi.org/10.1590/1981-22562021024.200334>
- Lima, D. M., Rosa, D. C. J., Cordeiro, S. N., & Peres, R. S. (2021). O paciente em crise psiquiátrica no imaginário coletivo de profissionais de um serviço comunitário. *Psicologia em Pesquisa*, 15(2) e30429. <https://doi.org/10.34019/1982-1247.2021.v15.30429>
- Maestro, M. H. (2021). Psicoanálisis y marxismo en el tardofranquismo y la transición: la influencia del pensamiento latinoamericano. *Revista de la Asociación Española de Neuropsiquiatria*, 41(140), 357-376. <https://doi.org/10.4321/S0211-57352021000200017>
- Manna, R. E., Leite, J. C. A., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2018). Imaginário coletivo de idosos participantes da Rede de Proteção e Defesa da Pessoa Idosa. *Saúde e Sociedade*, 27(4), 987-996. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902018180888>
- Nóbrega, I. R. A. P., Leal, M. C. C., Marques, A. P. O., & Vieira, J. C. M. (2015). Fatores associados à depressão em idosos institucionalizados: revisão integrativa. *Saúde em Debate*, 39(105), 536-550. <https://doi.org/10.1590/0103-110420151050002020>
- Peres, R. S. (2021). Experiences of falling ill with fibromyalgia: an incursion into the collective imaginary of women. *Paidéia*, 31(1), e3140. <https://doi.org/10.1590/1982-4327e3140>
- Resolução da Diretoria Colegiada nº 502, de 27 de maio de 2021. (2021). Dispõe sobre o funcionamento de Instituição de Longa Permanência para Idosos, de caráter residencial. Brasília, DF. https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2020/rdc0502_27_05_2021.pdf
- Rosa, D. C. J., Lima, D. M. D., Peres, R. S., & Santos, M. A. (2019). O conceito de imaginário coletivo em sua acepção psicanalítica: uma revisão integrativa. *Psicologia Clínica*, 31(3), 577-595. <https://doi.org/10.33208/PC1980-5438v0031n03A0955>
- Ribeiro, D. A. T., Costa, A. B., Mariano, P. P., Baldissera, V. D. A., Betioli, S. E., & Carreira, L. (2021). Vulnerabilidade, violência familiar e institucionalização: narrativas de idosos e profissionais em centro de acolhimento social. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 42(1), e20200259. <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2021.20200259>

- Roquete, F. F., Batista, C. C. R. F., & Arantes, R. C. (2017). Demandas assistenciais e gerenciais das instituições de longa permanência para idosos: uma revisão integrativa (2004-2014). *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 20(2), 286-299. <https://doi.org/10.1590/1981-22562017020.160053>
- Salcher, E. B. G., Portella, M. R., & Scortegagna, H. M. (2015). Cenários de instituições de longa permanência para idosos: retratos da realidade vivenciada por equipe multiprofissional. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 18(2), 259-272. <https://doi.org/10.1590/1809-9823.2015.14073>
- Saunders, B., Sim, J., Kingstone, T., Baker, S., Waterfield, J., Bartlam, B., Burroughs, H., & Jinks, C. (2018). Saturation in qualitative research: exploring its conceptualization and operationalization. *Quality & Quantity*, 52(4), 1893-1907. <https://doi.org/10.1007/s11135-017-0574-8>
- Siewert, J. S., Alvarez, A. M., Brito, F.A., Santos, S. M. A., Santana, R. F., & Freitas, M. A. (2021). Idosos com demência institucionalizados: vivências e percepções da equipe de enfermagem. *Texto & Contexto Enfermagem*, 30(1), e20200131. <https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2020-0131>
- Simões, C. H. D., Ferreira-Teixeira, M. C., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2014). Imaginário coletivo de profissionais de saúde mental sobre o envelhecimento. *Boletim de Psicologia*, 140(64), 65-77. <https://doi.org/0006-59432014000100006>
- Silva Filha, C., Silva, D. C. N., Silva, D. V. A., Carvalho, F. S., Silva, K., Santos, E. B., Monteiro, L. B., Figueiredo, S. N., & Coelho, P. D. L. P. (2023). Percepções e desafios dos cuidadores de idosos em uma instituição de longa permanência. *Acervo Saúde*, 23(4), e11818. <https://doi.org/10.25248/REAS.e11818.2023>
- Sousa Filho, A. E., Nascimento, F. G. L., Carvalho, A. F. M., Amorim, D. N. P., & Borges, F. L. R. (2022). Long-stay institutions for the elderly: a review. *Research, Society and Development*, 11(15), e531111537573. <https://doi.org/10.33448/rsdv11i15.37573>
- Turato, E. R. (2013). *Tratado de metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicações nas áreas de saúde e humanas*. Vozes.
- Visintin, C. N., Ambrosio, F. F., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2023). O Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema em pesquisas qualitativas sobre imaginários coletivos. *Estilos da Clínica*, 28(1), 98-114. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v28i1p98-11>